

# ENSINO DE HISTÓRIA: O CINEMA COMO FERRAMENTA DIDÁTICO-PEDAGÓGICA

*Marcos Roberto Friedemann<sup>1</sup>*

## **Resumo**

Este artigo objetiva analisar e trazer à reflexão o uso do cinema como ferramenta didático-pedagógica voltada ao ensino de História. Assim, inicia o estudo abordando os recursos múltiplos, bem como a inovação necessária. Busca, também, tratar dos cuidados que se deve ter quando da utilização, em sala de aula, de um filme histórico como recurso de ensino.

Palavras-chave: representação, efeito real e filme histórico.

## **Resumen**

Este artículo busca analizar y hacer una reflexión acerca del uso del cinema como herramienta didáctico-pedagógica destinada a la enseñanza de Historia. Así, empieza el estudio tratando de los recursos distintos y de la innovación necesaria que debe existir en la enseñanza. Además, expone los cuidados que se debe tener para la utilización, en clase, de una película histórica como recurso pedagógico.

Palabras clave: representaciones, efecto real, película histórica.

---

<sup>1</sup> Graduado em História, Licenciatura Plena, pelo Centro Universitário Metodista IPA, e Especialista no Ensino da Geografia e da História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS.

## **Introdução**

A temática deste artigo, isto é, a utilização do cinema como recurso de ensino, bem como sua efetiva construção, é resultado de minha prática de estágio obrigatório em sala de aula. Durante essa experiência docente fiz uso desse recurso didático-pedagógico em minhas aulas de História por entender sua importância e contribuição para o ensino. No entanto, algo me chamou a atenção; percebi que os alunos acreditavam em tudo o que estavam assistindo, surgindo dessa observação minha preocupação quanto aos cuidados que se deve ter ao utilizar um filme, histórico ou não, em sala de aula, sobre tudo quando estiver voltado ao ensino.

Assim, este artigo trata do cinema como um recurso pedagógico de ensino, refletindo sobre sua importância e como utilizá-lo.

## **Recursos múltiplos: ensino e inovação**

O mundo contemporâneo está rodeado de imagens; todos os dias são produzidos inúmeros filmes e documentários, os quais apresentam distintos cenários/imagens, assim como os telejornais, novelas, outdoors, entre outros recursos visuais. Essas imagens que nos são transmitidas diariamente, e toda a informação que elas abarcam, penetram em nossas mentes sem que possamos ou tenhamos tempo para processá-las, isto é, nem tudo o que vemos ou ouvimos fica retido em nossas mentes de forma relevante.

Uma fonte audiovisual dá a sensação de que realmente se está, de fato, inserido no mundo globalizado. O cinema, neste contexto, torna-se um importante instrumento pedagógico. No entanto, apesar dos inúmeros recursos ofertados pelo mundo globalizado, a leitura da historiografia, bem como novas pesquisas voltadas ao campo da História são fundamentais e indispensáveis para a construção e conhecimento de um determinado passado ou fato histórico.

As inovações tecnológicas, através de inúmeras e diversificadas imagens, bem como por meio de jogos de computadores e slides, têm despertado interesse por temas do passado quando utilizados com esse fim.

Muitos educadores acreditam ser possível ensinar História por meio do cinema, entendendo que essa arte pode contribuir, e muito, para o ensino, promovendo a interação dos alunos e discussões sobre o passado e fatos históricos. No entanto, não se pode pensar, de forma ingênua, que apenas assistindo a um filme, e repassando-o aos alunos, o professor estará apto para tratar e discutir sobre o assunto em questão. É preciso, antes de tudo, estabelecer um objetivo, geral ou específico, planejar e estruturar o que se quer fazer e o que se deseja alcançar por meio do filme. Apresentar, passar um filme é e deve ser entendido como uma aula, devendo, da mesma forma, haver planejamento, estudo prévio e objetivo preciso.

Assim como o teatro, o cinema inspira e diverte, mas não substitui a História em toda sua complexidade escrita e analítica, isto é, o cinema auxilia, mas não substitui a produção realizada e concretizada por historiadores e pesquisadores.

Em muitos filmes, é comum encontrar fatos históricos equivocados e erros históricos grotescos. Simplificar, dramatizar, modernizar e agradar ao público, são alguns dos fatores que levam a tais distorções do fato histórico. A pretensão de alguns diretores de cinema, as razões ideológicas e comerciais, a falta de pesquisa histórica, os figurinos desajeitados e a adulteração do passado fazem com que certas obras cinematográficas acabam fazendo um caminho inverso àquele feito por historiadores e pesquisadores, isto é, desmerecem os estudos e pesquisas realizados por esses profissionais.

O que mais chama a atenção e preocupa, é que boas imagens, renomados atores e um roteiro plausível levam muitas pessoas a acreditar naquilo que estão assistindo, isto é, histórias desenhadas, montadas e, muitas vezes criadas, são percebidas e assimiladas como fatos reais, históricos, verídicos. O mundo cinematográfico tem mostrado muitas inverdades sobre o passado, no entanto filmes com erros históricos – de datas, fatos e mentalidade – podem ser verdadeiras obras de arte, desde que sejam entendidos, encarados como ficção, pois acreditar em tudo que

nos é apresentado como sendo verdadeiro pode acarretar erros de compreensão histórica.

## **O Cinema: instrumento pedagógico a serviço do ensino**

O cinema pode ser um importante instrumento didático-pedagógico, porém há uma série de cuidados a serem tomados, começando pela escolha do filme. Em sua maioria, os filmes “históricos” não pretendem ou não conseguem ser realmente históricos, no sentido literal, tratando de um determinado período histórico.

Diversos filmes parecem verdadeiros bailes de fantasia, cujas roupas, edificações e armas imitam o passado, mas o comportamento dos personagens e a linguagem utilizada remetem aos dias atuais, ou seja, não estão adequadas ou ligadas ao cenário temporal a que pertencem.

Ao trabalhar com um determinado filme, o importante é fornecer elementos para que o aluno perceba que se trata de construções, não de retratos de um período histórico. Assim, por serem construções, são resultados de escolhas, interpretações, uma versão construída acerca de um determinado fato em questão.

A megaprodução *Cruzada*<sup>2</sup>, por exemplo, é um bom exemplo para demonstrar erros históricos existentes em um filme, o qual deve ser assistido com precaução e cuidado, pois como todo filme de ficção, feito para um grande público, está cercado de simplificações e inúmeros equívocos históricos.

O filme busca transmitir a ideia de que o europeu levou para os orientais as técnicas hidráulicas, quando na verdade ocorreu justamente o contrário; os orientais dominavam essas técnicas, passando tal conhecimento aos europeus.

---

<sup>2</sup> SCOTT, Ridley. *Cruzada*. Estados Unidos: 144 min., cor, épico, 2005. De Ridley Scott, o diretor de *Gladiador* e mestre do épico moderno, está é uma saga arrebatadora de coragem, paixão e aventura. Em meio à nobreza e à intriga da Jerusalém Medieval, Orlando Bloom interpreta Balian, um jovem francês, que após ter perdido tudo, encontra honra e redenção em uma busca valorosa. Numa luta desigual, enfrenta forças avassaladoras para salvar seu povo e cumprir seu destino como um verdadeiro cavaleiro.

Mas é possível definir o conceito de filme histórico? Segundo Miriam Rossini<sup>3</sup>, isso é possível sim. Vejamos, então, o que diz a autora:

Devido às várias indefinições do que seja um filme histórico, muitas vezes confundido com épicos ou aventuras mitológicas, decidi defini-lo como aquele que: a) é localizado propositalmente no passado, ou seja, numa época anterior àquela em que o filme está sendo produzido; b) tenha por finalidade reconstituir um fato histórico, ou uma situação histórica, ou a biografia de alguém que teve existência real; c) seja apoiado em pesquisa histórica, a fim de se manter um mínimo de coerência com o já documentado. (1999).

A definição da autora qualifica, de maneira geral, os filmes ditos “históricos” (de acordo com os itens expostos acima), destacando as características que obrigatoriamente devem apresentar para serem, assim, categorizados. Ao reproduzir um fenômeno que se deu no passado, o cinema torna presente um fato que em realidade já não mais existe, reconstituindo fragmentos do acontecido a partir de uma representação do mesmo.

A questão de representar um fato histórico de acordo com a “realidade” é assunto recorrente nas análises de cinema-história. Por isso, tornou-se necessário apresentar uma definição do conceito de “efeito de real” associado à representação e ao cinema:

Diferentemente de outras artes, em que o referente é descrito, reconstruído por um artista [...] no cinema o referente coincide com a representação. Com isso, tem-se a ilusão de que a construção do objeto do discurso não partiu da imaginação de alguém. O que está representado é o próprio real; produz-se, assim, uma ilusão referencial chamada efeito de real: a narrativa cinematográfica parece não descrever o real, mas sim apreendê-lo para apresentá-lo, intacto. (ROSSINI, 1999).

Essa coincidência, entre o representado e aquilo que se pretende por “real”, é o gerador de inúmeras problemáticas no cinema (pelo menos para o historiador que o examina). Enquanto as demais artes exigem do receptor o uso de sua imaginação para aprender o significado a ser transmitido, o cinema parece dispensar tudo isso, pois dá a

---

<sup>3</sup> ROSSINI, Miriam de Souza. As marcas do passado: o filme histórico como efeito de real. Porto Alegre, 1999. Doutorado (Tese em História). Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS, 1999.

impressão de que ele “captou” o real, foi testemunho de uma cena verídica. Isso se dá pela singularidade da forma cinematográfica que combina elementos (som, imagem, movimento, entre outros), que tornam essa arte a mais próxima da vida e, com isso, do real.

A década de 1970 ficou conhecida pelos saltos quantitativos e qualitativos das análises sobre cinema e história. Embora recorrentes desde os anos 1950, com a diversificação proposta pela Escola dos Annales em termos de fontes e documentos, esses estudos passaram a receber maior atenção durante a década de 1970. Aumentaram cada vez mais os debates em torno da aceitação ou não do filme como documento histórico. Miriam Rossini diz que o cinema pode sim ser fonte da história, obedecendo à seguinte definição:

O filme pode ser utilizado como **documento primário** quando nele forem analisados os aspectos concernentes à época em que foi produzido. E, como **documento secundário**, quando o enfoque é dado à sua representação do passado. (1999).

Segundo Marc Ferro<sup>4</sup>, a linguagem dos filmes está vinculada ao pensamento e à mentalidade dos indivíduos do século XX, uma vez que sua técnica e estética só foram plenamente desenvolvidas no século XX.

Os filmes com pretensões históricas sempre irão refletir o imaginário dos que os conceberam e realizaram, podendo assim ajudar a compreender não apenas o passado, mas também a realidade contemporânea que representam.

Como qualquer outro documento histórico ou obra historiográfica, o filme traz em si uma construção a ser trabalhada, pensada, questionada e criticada. Revelar esse aspecto do filme implica estabelecer uma complexa análise, que inclui desde a sua produção, suas técnicas de luz, cor, figurino, cenário, câmera, linguagem e interpretação, até a maneira como os fatos históricos são tratados na narrativa.

Assim, é importante reforçar que as obras cinematográficas que assumem um caráter historiográfico constituem, ao mesmo tempo, um documento histórico contemporâneo. Como ocorre com qualquer outra obra historiográfica, a linguagem

---

<sup>4</sup> FERRO, Marc. Cinema e História. São Paulo, Paz e Terra, 2001.

visual do cinema, discute, revê, reforça, amplia, polemiza ou nega certas interpretações acerca dos fatos do passado e do tempo presente.

Usar os modernos recursos tecnológicos (cinema) como instrumentos úteis no processo de ensino da História é de grande relevância. Exaltá-las sem senso crítico é no mínimo uma tremenda enganação, pois nada dispensa a pesquisa, a leitura crítica, o debate, a diversidade metodológica e ideológica e, sobretudo, o saber pensar.

Não existe um modelo correto para o uso de filmes como instrumento pedagógico, porém o professor não pode se valer do filme de qualquer maneira. É necessário que o professor tenha um objetivo claro e definido e que o filme esteja relacionado com o conteúdo proposto.

Contudo, é indispensável que o professor, antes de transmitir o filme, assista-o e faça uma análise do mesmo, para que possa estabelecer, de forma mais clara, seus objetivos, considerando a necessidade de um trabalho de contextualização.

## Considerações Finais

Inicialmente, é relevante salientar o acréscimo de informação e conhecimento gerado, resultantes da construção deste trabalho, no que se refere à questão do *Ensino de História: o cinema como ferramenta didático-pedagógica*, o que possibilita e contribui para uma melhor transmissão de conhecimento, além de proporcionar a esta pesquisa embasamento teórico-pedagógico para a análise proposta.

Este artigo, através dos pressupostos analisados, possibilitou melhor compreender como o cinema, tomado como instrumento pedagógico, pode ser trabalhado em sala de aula, tratando de um filme de forma analítica e crítica, buscando fatos históricos que o permeia.

O tema analisado neste trabalho *o cinema como ferramenta didático-pedagógica* possibilitou um aprofundamento analítico deste instrumento pedagógico, neste contexto, o cinema.

Dessa forma, foi possível analisar um objeto muitas vezes polêmico, a partir de um conteúdo pontual e específico, o cinema, objetivando-se verificar a abordagem dessa ferramenta e a importância dispensada ao mesmo.

Todo recurso tecnológico é válido para o ensino, seja uma arte, como é o caso do cinema, ou até mesmo um aparelho eletrônico simples, como o celular. O que precisa ficar claro é que para fazer uso de tais recursos é necessário saber aonde se deseja chegar, e para isso ter um objetivo claro e definido é indispensável.

Outra questão importante é o fato de que nem todos os professores estão preparados para a utilização de alguns recursos; por um lado, por falta de preparo, de outro, pela falta de interesse. Muitas vezes filmes são utilizados por alguns profissionais apenas como passatempo, ou seja, quando se pretende preencher um tempo ou quando não se tem um objetivo definido. Um determinado recurso, que poderia configurar um objeto de construção do conhecimento, resume-se a nada quando não existe preparo por parte do professor.

Para que se possa fazer uso do cinema em sala de aula como recurso de ensino, faz-se necessário que o professor tenha preparo para executar tal atividade e obter



êxito. Assim, com foco em sala de aula, isto é, voltado ao ensino, um filme pode e deve ser utilizado como fonte documental histórica, constituindo, dessa forma, uma importante ferramenta na construção da memória e do conhecimento histórico.

## Referências Bibliográficas

FERRO, Marc. **Cinema e História**. São Paulo, Paz e Terra, 2001.

MOCELLIN, Renato. **O cinema e o ensino da História**. Curitiba, Positivo, 2002.

ROSSINI, Miriam de Souza. **As marcas do passado: o filme histórico como efeito de real**. Porto Alegre, 1999. Doutorado (Tese em História). Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS, 1999.

SCOTT, Ridley. **Cruzada**. Estados Unidos: 144 min., cor, épico, 2005.